



O Modernismo português tem início em 1915, com o lançamento do primeiro número da *Revista Orpheu*, revista que, inspirada pelos movimentos da Vanguarda Europeia, desejava romper com o convencionalismo, com as idealizações românticas, chocando a sociedade da época. Vários artistas participaram da elaboração da revista, entre eles destacaram-se: Fernando Pessoa, Mário de Sá Carneiro e Almada Negreiros. Os escritores do *Orfismo*, como ficaram conhecidos, queriam imprimir à literatura portuguesa as inovações europeias. Anos depois, em 1927, outra importante revista passa a ser divulgadora dos novos ideais modernistas – A *Revista Presença*, que teve como maior representante, o escritor José Régio.

As divisões do Modernismo Português:

1ª geração – o Orfismo: Fernando Pessoa, Mário de Sá Carneiro, Almada Negreiros e até o brasileiro Ronald de Carvalho e outros.

2ª geração – o Presencismo: José Régio, João Gaspar Simões e outros.

3ª geração – o Neorrealismo: Alves Redol, Ferreira de Castro, Jorge de Sena e outros.

✚ **A primeira fase:** Concentrou-se em torno de *Orpheu*, revista cujo primeiro número vem a público em 1915. Fundada sob influência das grandes correntes estéticas europeias, a publicação contou logo de início com as figuras mais importantes da época: Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Almada Negreiros, etc. Preocupada em provocar o burguês e em sacudir o acanhado meio cultural português, essa geração, nas páginas da revista, publicou uma poesia complexa, de difícil acesso, que causou o maior escândalo na época. *Orpheu* tem curta duração. Os modernistas portugueses entregam-se à vertigem das sensações da vida moderna, da velocidade, da técnica, das máquinas. Era preciso esquecer o passado, comprometer-se com a nova realidade e interpretá-la cada um a seu modo.

✚ **A segunda fase:** Teve como um dos principais fundadores José Régio e pretendia continuar apenas sem tanto radicalismo o trabalho da revista *Orpheu*, acabando de vez com tendências românticas e simbolistas.

✚ **A terceira fase,** contemporânea à explosão da Segunda Guerra, também chamada Neorrealismo, defendia a literatura de caráter social, documental e reformadora. Iniciou-se em 1940 com a publicação de *Gaibéus*, de Alves Redol, e o término, para alguns autores, foi em 1968, para outros, 1974, com o fim da ditadura de Salazar.

FERNANDO PESSOA

- Nasceu em 13 de junho de 1888 na cidade de Lisboa, e sua primeira infância é marcada por acontecimentos que deixam cicatrizes para toda a vida.
- Com apenas cinco anos de idade, em 1893, perde o pai, que morre de tuberculose. A morte dele traz tantas dificuldades financeiras à família que a mãe e seus filhos são obrigados a baixar o nível de vida, passando a viver na casa da avó do poeta. São as duas primeiras perdas do menino: o pai, a quem era muito apegado, e a casa.
- Em 1895, dois anos depois, a mãe se casa com um cônsul de Portugal na cidade de Durban, uma colônia inglesa na África do Sul, e é para lá que a família se muda no ano seguinte.
- Em 1903, é admitido na Universidade do Cabo e cria várias “personalidades literárias”, ou seja, vários poetas fictícios que vão assinar as poesias que “eles próprios” escrevem. Entre os poetas saídos da imaginação de Pessoa nessa época, destacam-se dois: Alexander Search, um adolescente, como o seu criador, que, inclusive, nasceu no dia do seu aniversário, e Charles Robert Anon, também adolescente, mas totalmente oposto ao temperamento de Fernando. De alguma maneira, começava a se delinear aquilo que faria de Fernando Pessoa um poeta como nenhum outro no mundo: um poeta que, sendo um, era muitos poetas.
- Morre no dia 30 de novembro de 1935, aos 47 anos, de cirrose hepática.

OS EUS DE PESSOA

A fragmentação em Fernando Pessoa envolve um ato de fingimento que se completa na utilização de várias linguagens, reveladoras do sujeito como um ser múltiplo.

HETERONÍMIA

Quando o autor faz uso de “heterônimos”, não se esconde sob um nome falso. Ocorre bem o contrário, “*ele se coloca em posição de diálogo com o sujeito lírico que ele mesmo criou, além de assinar a sua própria obra.*”

O heterônimo é um personagem criado pelo poeta, que escreve a sua própria obra. Tem nome, obra, biografia e, sobretudo, um estilo próprios. O autor, o criador do heterônimo, passa a ser chamado de “ortônimo” e a sua criação passa a ser chamada de “heterônimo”, não havendo possibilidade de existência de um sem o outro.

ALBERTO CAEIRO

Alberto Caeiro representa o poeta que busca o campo e a vida ingênua e simples, despojada de inquietações intelectuais. Seu olhar é o olhar de quem vê o mundo pela primeira vez, sem metafísica ou religião. Para ele, o que importava era viver o mundo, era nele estar presente, sem querer saber o porquê de estar-se ali naquele momento, sem interrogar-se do que se vive. O objetivo era aprender a desaprender, aprender a não pensar, a silenciar a mente, a somente viver o contato direto com a realidade que se tinha à frente, palpável. A vida para ele era o puro sentir.

O guardador de rebanhos

*“(…) O meu olhar é nítido como um girassol,
Tenho o costume de andar pelas estradas
Olhando para a direita e para a esquerda,
E de vez em quando olhando para trás...
E o que vejo a cada momento,
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,
E eu sei dar por isso muito bem...
Sei ter o pasmo essencial!
Que tem uma criança se, ao nascer,
Reparasse que nascera deveras...
Sinto-me nascido a cada momento
Para a eterna novidade do Mundo...
Creio no mundo como num malmequer,
Porque o vejo. Mas não penso nele
Porque pensar é não compreender...
O Mundo não se faz para pensarmos nele
(Pensar é estar doente dos olhos)
Mas para olharmos para ele e estarmos de acordo...
Eu não tenho filosofia: tenho sentidos...
Se falo na Natureza não é porque saiba o que ela é,
Mas porque a amo, e amo-a por isso,
Porque quem ama nunca sabe o que ama

Nem sabe por que ama, nem o que é amar...*

*Amar é a eterna inocência,
E a única inocência não pensar... (…)”*

Nesse poema o eu lírico retoma a imagem da criança que abre os olhos e vê o mundo pela primeira vez, sem nenhuma ideia preconcebida. Rejeita o pensar sobre o mundo, ele quer sentir o mundo “ Eu não tenho filosofia: tenho sentidos” .

RICARDO REIS

A veia clássica dos heterônimos de Fernando Pessoa. Monarquista, educado em colégio de jesuítas, amante das culturas grega e latina. Buscou sempre o mais alto, o impossível em sua poesia, esta refinada, concisa, com linguagem bem trabalhada e vocabulário rebuscado. Seus poemas eram odes, poemas líricos, com métrica, estrofes regulares e variáveis. Suas odes voltavam-se aos deuses da mitologia grega. Ao contrário de seu mestre, Reis pensava bastante nos deuses, esses que, para ele, controlavam o destino dos homens e estavam acima de tudo.

*Tão cedo passa tudo quanto passa!
Morre tão jovem ante os deuses quanto
Morre! Tudo é tão pouco!
Nada se sabe, tudo se imagina.
Circunda-te de rosas, ama, bebe
E cala. O mais é nada.*

No poema, há um questionamento sobre o que fazer diante da passagem do tempo, uma vez que tudo passa muito rápido e conhecemos tão pouco da vida e nada da morte – “Tudo é tão pouco! Nada se sabe, tudo se imagina”. A saída é circundar-se de rosas, amar, beber e calar, ou seja, aproveitar do pouco que a vida oferece. Termina, contudo, o poema afirmando que “O mais é nada”, como se não houvesse esperança.

A tensão preponderante entre a razão e a emoção, que se estabelece no universo da criação heteronímica como força geradora das personalidades poéticas, garantindo-lhes natureza específica, tende em Reis ao primado da razão.

ÁLVARO DE CAMPOS

Apresentou-se como o mais moderno entre os heterônimos. E, pode-se dizer também, o mais indisciplinado. Homem voltado para o impulso das emoções, para o presente, para as modernidades que o mundo apresentava, aberto à realidade. Foi o heterônimo que mais se aproximou da terceira fase do modernismo português.

Lisbon Revisited (1923)

*NÃO: Não quero nada.
Já disse que não quero nada.*

*Não me venham com conclusões!
A única conclusão é morrer.
Não me tragam estéticas!
Não me falem em moral!*

*Tirem-me daqui a metafísica!
Não me apregoem sistemas completos, não me enfileirem conquistas
Das ciências (das ciências, Deus meu, das ciências!) —
Das ciências, das artes, da civilização moderna!*

*Que mal fiz eu aos deuses todos?
Se têm a verdade, guardem-na!*

*Sou um técnico, mas tenho técnica só dentro da técnica.
Fora disso sou doido, com todo o direito a sê-lo.*

*Com todo o direito a sê-lo, ouviram?
Não me macem, por amor de Deus!*

*Queriam-me casado, fútil, quotidiano e tributável?
Queriam-me o contrário disto, o contrário de qualquer coisa?
Se eu fosse outra pessoa, fazia-lhes, a todos, a vontade.
Assim, como sou, tenham paciência!
Vão para o diabo sem mim,
Ou deixem-me ir sozinho para o diabo!
Para que havemos de ir juntos?*

*Não me peguem no braço!
Não gosto que me peguem no braço. Quero ser sozinho. (...)
Ó céu azul — o mesmo da minha infância —
Eterna verdade vazia e perfeita! (...)
Pequena verdade onde o céu se reflete!
Ó mágoa revisitada, Lisboa de outrora de hoje!
Nada me dáis, nada me tirais, nada sois que eu me sinta.*

*Deixem-me em paz! Não tardo, que eu nunca tardo...
E enquanto tarda o Abismo e o Silêncio quero estar sozinho!*

Nesse poema, fica evidente o niilismo do eu lírico. Ele não crê em nada, não vê sentido em nada, rejeita todas as teorias e interpretações sobre o sentido da vida humana: “Não me venham com conclusões! / A única conclusão é morrer”. Por isso recusa, também, as convenções da vida burguesa, o casamento, a vida social. A natureza não lhe diz nada: “Ó céu azul- o mesmo da minha infância-/ Eterna verdade vazia e perfeita!”

FERNANDO PESSOA ELE MESMO

Nos poemas em que ele assina Fernando Pessoa, temos o poeta da saudade e da melancolia, que retoma formas tradicionais do lirismo português, muitas vezes com o uso de redondilhas maiores e menores. Mas trata-se de um lirismo contido, quase sempre marcado por uma nota de inquietação existencial.

Mar Português

*Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!*

*Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.*

Esse poema está presente na obra *Mensagem*. Essa obra é composta por pequenos poemas que, no conjunto, contam a história de Portugal e projetam, de maneira mística, o sonho de um futuro novo império. No poema, o eu lírico incorpora em sua fala, o próprio povo português – falando em nome de uma coletividade e faz alusão às grandes navegações portuguesas dos séculos XV e XVI.